

What are you doing?: Uma reflexão sobre o twitter

Aglair Bernardo*
Filipe Speck**

Artigo recebido em:
19 de outubro de 2009

Aprovado em:
12 de abril de 2010

* Graduada em
Comunicação
Social/Jornalismo
(UFSC), mestre em
Antropologia Social
(UFSC), doutora em
Literatura (UFSC) e
professora do Curso
de Cinema, UFSC.

aglair@ig.com.br

** Graduado em
Jornalismo, UFSC.

filipespeck@gmail.com

Resumo: O artigo, ao tomar como referência a perspectiva teórica de Michel Maffesoli, considera as relações sociais construídas no twitter como um novo tipo de cibernsialidade. Entre outros aspectos abordados, chama atenção para mudanças significativas que se dão na cultura contemporânea tendo em vista a presença cada vez mais acentuada de comunicações mediadas pelo computador no cotidiano.

Palavras-chave: *twitter; cibernsialidade; comunicação mediada pelo computador.*

What are you doing?: A reflection on twitter

Abstract: The article, taking as a reference the theoretical perspective of Michel Maffesoli, considers the social relations established at twitter as a new kind of cybersociality. Among other discussed aspects, draws attention to expressive changes in contemporary culture considering the growing relevance of daily computer mediated communications.

Keywords: *twitter; cybersociality; computer mediated communications.*

Estudos cada vez mais frequentes das práticas culturais oriundas do ciberespaço, visando a compreensão de seu alcance nas sociedades contemporâneas, criaram um campo de pesquisa extremamente fértil e promissor, mobilizando e colocando em interação campos disciplinares os mais diversos. É com base nesses diálogos que orientamos as reflexões aqui contidas, entendendo o Twitter – e também outros sites de redes sociais como o Orkut, o Facebook e o MySpace – como uma plataforma tecnológica que sinaliza mudanças substanciais sobre o modo pelo qual as pessoas se comunicam e interagem nos dias atuais, identificado por vários autores (Lemos, 1999, 2002, 2005; Recuero 2008, Recuero & Zago, 2009; Lévy, 1996, 1999; Santaella 2004a, 2004b) como Comunicação Mediada pelo Computador (CMC).

Partimos do pressuposto de que as relações sociais produzidas no Twitter acentuam o sentimento de estar-junto, identificado por Maffesoli como crucial ao fazer referência aos novos tipos de socialidades que emergem nas sociedades contemporâneas, dando ênfase ao caráter presenteísta, efêmero e ao forte componente tribal e nômade dessas interações, além de chamar a atenção para a expressão lúdica de muitas dessas manifestações. Semelhante ao que identificamos no Twitter, constituem-se a partir de redes de relações sociais e com a possibilidade de o indivíduo participar em variadas redes simultaneamente, não necessariamente consensuais entre si, sugerindo uma identidade social multifacetada e construída a partir de diferentes ordens de interesse.

Entendemos que o Twitter, assim como outros fenômenos inscritos no universo da cibercultura, contribui de modo decisivo para re-situar as relações entre comunicação e técnica e entre o sócio e a técnica. Para Lemos, nas tecnologias e na rede, concordando com Maffesoli, diferentemente do que acontecia na modernidade onde a forma técnica negocia com social, na pós-modernidade, ocorre o inverso, ou seja, uma apropriação social da técnica. Outra questão observada diz respeito ao maciço desengajamento político identificado em nossos dias que, para Maffesoli entre outros autores referenciados em nossa reflexão, não significa uma acelerada destruição do social, mas o indício de uma vitalidade renovada (Maffesoli, 1987, p. 85). A socialidade emerge, justamente, no espaço deixado pela morte do político, apresentando uma farta cadeia de fenômenos que o autor considera como decorrentes da mesma “vitalidade” social.

Cibersocialidade

É possível reconhecer que as últimas décadas foram marcadas em nível global por mudanças culturais importantes em função da presença cada vez mais intensa e extensa dos meios eletrônicos de comunicação em vários níveis da vida social, tendo a internet ocupado um lugar de destaque nesse cenário. A sociedade assistiu ao surgimento de plataformas de interação que permitiram ao usuário explorar as páginas da *web* não apenas como lugares para visitaçã, mas como um território, onde o consumo e a produção de conteúdo são experimentados concomitantemente (Zago, 2008, p. 2).

Lançado em 2006, o Twitter é uma plataforma de microblog que permite a

postagem de mensagens com até 140 caracteres, resultando em um processo instigante e criativo no que diz respeito à construção de novas modalidades narrativas. Na internet, os usuários criam perfis com endereços e elaboram o post respondendo à pergunta *What are you doing?*, ou seja: O que você está fazendo? Para ler o que outras pessoas publicam, o usuário precisa estar seguindo, ou *following*, os demais perfis. Dessa forma, as mensagens publicadas pelo outro usuário saem no timeline, linha do tempo, área do site para localizar, cronologicamente, os *tweets*, as mensagens do twitter dos usuários, permitindo que outras pessoas possam acompanhá-las. As postagens enviadas por um usuário podem ser acompanhadas por qualquer outro, usando a mesma função *following*. Na página inicial de quem estiver sendo seguido, cada usuário que optar por seguir o perfil aparecerá no indicador *follower*, ou seja, seguidores.

A rápida expansão e sucesso atribuído à utilização do Twitter podem ser percebidos como parte de um conjunto de práticas culturais contemporâneas que tendem ao agrupamento social, caracterizadas pela noção de socialidade de Maffesoli. Para ele, diferente da noção amplamente utilizada de sociabilidade, mais identificada a uma resposta político-econômica das pessoas às demandas mundanas, a noção de socialidade remete às manifestações cotidianas nas quais o sentimento de estar-junto caracteriza-se pela fluidez e imediaticidade dos encontros, enfatizando temáticas relativas ao cotidiano e suas banalidades através de redes de relações sociais sem necessariamente se organizarem tendo em vista uma ideologia comum, consensualidades e um ideal de futuro. A ideia de socialidade remeteria, deste modo, à outras espécies de movimentações do social. Ainda que o Twitter tenha ganhado um caráter mais informacional com postagens que não necessariamente respondam à pergunta “o que você está fazendo?”, as práticas de troca e o caráter instantaneísta e presenteísta das mensagens possibilitam dividir as banalidades e o cotidiano entre os participantes da rede social, buscando uma certa cumplicidade, semelhante ao que se dá com a apropriação das *webcams* e dos blogs como diários pessoais. De acordo com Lemos:

A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. E não se trata de nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura. (LEMOS, 2002, on-line)

Além das características acima citadas, convém chamar atenção para suas características tribais, no sentido que Maffesoli imprime ao termo, e seu caráter nômade, considerando que os seus usuários transitam fluidamente sem fixação territorial no universo da cibercultura, explorando seus vários ambientes em uma espécie de sedentarismo nômade. Outro aspecto a ser destacado diz respeito à liberação do pólo da emissão para a produção de conteúdo, tal como observado por Lemos, quando afirma que a estrutura em rede do ciberespaço desconstrói a hierarquia presente nos sistemas de emissão tradicionais de comunicação de massa (Lemos, 2005) ou, ainda, conforme destaca Pierre Lévy em suas reflexões sobre a internet, está-se diante de um meio de

comunicação no modelo todos-todos (LÉVY, 1996). Tais características poderiam ser entendidas, assim, como pressupostos da CMC, garantindo que ocorra no ciberespaço, sociabilidades nos mesmos moldes das relações sociais que ocorrem fora da rede, onde comunicação e sociabilidade são tidas como indissociáveis e decisivas para a compreensão de vários fenômenos presentes no cotidiano. Para Lemos a presença de tecnologias comunicacionais na cultura contemporânea deixa de ser um mero instrumento de racionalização e de separação para transformar-se numa ferramenta “convivial e comunitária” (Lemos, 1999, p. 9).

Para Maffesoli, a socialidade refere-se ao coletivo das práticas cotidianas que estão fora do alcance social rígido, deslocando a perspectiva das relações para uma noção mais hedonista, tribal e enraizada no presente (Lemos, 1999, p. 13). De acordo com ele, a emancipação teórica da noção de socialidade reside na sua diferenciação com a noção de sociabilidade. Enquanto a sociabilidade remete o indivíduo a uma atividade na sociedade, funcionando no âmbito de um grupo político-econômico, a socialidade manifesta-se na representação dos vários papéis que o indivíduo desempenha tanto dentro da sua atividade profissional quanto ao interior dos múltiplos grupos em que atua (Maffesoli, 1987, p. 108). A ideia de múltiplas identidades, distanciada da noção de imobilidade que persistiu durante a modernidade, confere o tom presenteísta, colocando ênfase na “potência subterrânea” da vida social e nos infinitos desdobramentos do cotidiano. A importância de marcar o presente para Maffesoli baseia-se no fato de que existe, no agora, uma propulsão “que transcende as trajetórias individuais” e tornam-nas fração de um sistema ajustado, “sem que a vontade ou a consciência tenham nisso menor importância” (ibidem, p. 107). O que é possível também observar no Twitter é a presença de uma combinação ampla e diversa de possibilidades de utilização, uma vez que o território de enunciação dos twitteiros - a plataforma - transformou-se em espaço para a participação de uma ampla variedade de usuários e de ordens de interesse (pessoal, institucional, informacional, lúdico etc.).

A emancipação teórica da noção de socialidade reside na sua diferenciação com a noção de sociabilidade

Forma e espaço

No ciberespaço, a forma negocia com o aparato técnico dos sites, resultando nos tipos de relacionamentos construídos pelos usuários. Entender a relação entre técnica e social significa considerar que essas apropriações criam sociedades sociotécnicas. Neste estudo entendemos que o Twitter é mais que um suporte tecnológico. É, sobretudo, um espaço onde ocorre a interação entre sujeitos, deixando de ser intermediário para tornar-se intermediador (RIFIOTIS, 2008). Conforme Lemos, o ciberespaço é o condensador das variadas formas técnicas, pois corresponde a um território que, pela sua forma e possibilidade de laços, sintetiza e potencializa a estrutura social de conexões tácteis (1999, p. 15). Essa relação entre técnica e social é que norteia a concepção de uma cibernsocialidade, segundo Lemos, ou seja, uma socialidade onde proximidade e religião acontecem, necessariamente, imersas em e no universo

técnico da rede mundial de computadores. Conforme Lemos:

A explosão da comunicação contemporânea deve-se aos novos media que vão potencializar essa pulsão gregária, agindo como vetores de comunhão, de “reliance” comunitária. Isso mostra que a tendência comunitária (tribal), o presenteísmo e o paradigma estético podem potencializar e ser potencializados pelo desenvolvimento tecnológico. Podemos ver nas comunidades do ciberespaço a aplicabilidade do conceito de socialidade tribal, presenteísta e estética, definido por ligações orgânicas, efêmeras e simbólicas. (ibidem, p. 16)

Lemos argumenta que o ciberespaço não apenas contempla o tribalismo e o presenteísmo identificado por Maffesoli na sociedade sociotécnica como, inclusive, retoma a discussão sobre como essa nova cultura midiática, ou cibercultura, altera os significados do cotidiano das pessoas, onde tanto a proximidade quanto a religação adquirem novos sentidos. De um ponto de vista mais amplo, essa nova cultura, como define Manuel Castells, tem a ver com a “construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito, neste caso os produtores/usuários da internet.” (Castells, 2003, p. 34), conferindo à rede mundial de computadores socialidades em dimensões distintas das já arranjadas pelos meios de comunicação até então, já que “quaisquer meios de comunicação ou mídias são inseparáveis das formas de socialização e cultura que são capazes de criar” (Santaella, 2004a, p. 64).

Outro aspecto a ser destacado diz respeito ao politeísmo de valores das relações sociais que se apresenta nos dias atuais, que diluem a rigidez monoteísta e o projeto comum socioeconômico da modernidade. Para Maffesoli esse politeísmo é uma característica da pós-modernidade (Maffesoli, 2004) que, conforme identificamos neste estudo, está presente entre os usuários e no conjunto das relações construídas no Twitter, onde as relações de troca diluem a propriedade do emissor de mensagens, permitindo um tipo de comunicação entre todos-todos, descentralizada, multifacetada e pulverizada por um amplo espectro de interesses e de configurações de sentido.

Paul Virilio chama atenção para o teor de voyeurismo e controle social (apud Rifiotis, 2008) que se apresentam nesse universo. Também Aglair Bernardo (2007), em seu estudo sobre as imagens produzidas pelas câmeras de vigilância, ao chamar atenção para as interfaces entre cultura midiática e cultura de vigilância, dá especial ênfase aos modos como a cultura de vigilância se realiza através do trânsito, da circulação e dos cruzamentos em rede de informações estabelecidos em sistemas de comunicação mediados pelo computador. Interessa-nos, por outro lado, pensar como a negociação entre técnica e social vetoriza as situações cotidianas dentro do ciberespaço, onde o intercâmbio entre sócio e técnico conduz a uma apropriação social da técnica, conferindo autonomia social e mobilidade para os usuários, em contraste com a apropriação do social pela técnica, característico da modernidade. Essa inversão, segundo André Lemos seria uma manifestação recorrente nas novas tecnologias de comunicação. Desde o telefone celular até o Twitter, o caráter cada vez

mais tecnicista da sociedade faz com que os aparatos sejam, do ponto de vista identitário, tão humanos que se aderem à aparência:

Fruto da geração X, a sociedade contemporânea aceita a tecnologia a partir de uma perspectiva crítica, lúdica, erótica, violenta e comunitária. Nesse sentido, as comunidades virtuais, os zippies, e os ravers mostram bem esse vetor de comunhão e de partilha de sentimentos, hedonista e tribal, enquanto os hackers, os tecno-anarquistas e os cypherpunks mostram a contestação do sistema tecnocrático, o desvio e a apropriação tecnológica. Aqui nós podemos compreender como, a partir da análise da socialidade contemporânea proposta por Michel Maffesoli, a cibercultura constitui-se como uma “ciber-socialidade” ou seja, como uma estética social alimentada pelas tecnologias do ciberespaço. (Lemos, 1999, p. 19)

Muito embora a tecnologia tenha surgido em um processo de racionalização da sociedade, esclarece Lemos, a cibercultura constrói novas formas de agregação eletrônica que, ao constituírem uma estrutura de rede, permitem a reversão do isolamento típico da modernidade. A tactibilidade generalizada da rede foi o que, inclusive, reverteu os valores hierárquicos dos militares norte-americanos, idealizadores da união de computadores em rede na década de sessenta do século passado. O potencial de conexão e trocas fez com que ela nunca servisse apenas para fins militares (Santaella, 2004a, p. 86), expandindo e multiplicando suas potencialidades e usos pela sociedade civil, ainda que consideremos a existência de estratégias de controle sobre a produção e circulação de informação na rede, desconstruindo o ideário de que a internet é um território livre para manifestações.

No Twitter, as manifestações do usuário, conhecido como *twitteiro* pelos nativos desse universo, passa pela percepção de que a identidade é sempre provisória, dependente dos perfis que segue e da comunicação que estabelece entre outros integrantes da rede. Como a movimentação de mensagens na plataforma é extremamente dinâmica, os dispositivos de *follow* e *unfollow* são frequentemente utilizados para satisfazer as demandas efêmeras do internauta, como acompanhar alguém que esteja cobrindo algum evento ou abdicar de receber as mensagens de um usuário cujo vínculo foi diluído ou rompido. O *twitteiro*, ao selecionar os *twitters* que irá acompanhar as postagens, cria uma cartografia de perfis que abastecem a leitura e as trocas, localiza os caminhos a serem navegados pela internet e manifesta o contato comunicativo, unidade fundante da rede. Ao confeccionar uma cartografia de conexões, assume a postura de um sujeito fragmentado e desprendido da ideia de identidade unificada e estável. Stuart Hall considera que esse processo é característico das sociedades pós-modernas:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multipli-

cam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. (Hall, 2000, p. 12)

Em um estudo sobre a construção de comunidades no Orkut, Jean Segata observa como a fragmentação e a presença de identidades contraditórias em um mesmo usuário permitem a criação de perfis falsos, ou *fakes*, que realizam desejos “que em outros espaços não são permitidos ‘ao eu’” (Jauréguiberry apud SEGATA, 2008, p. 62), e são interpretados pelos usuários nessa nova realidade como a experimentação de uma ilusão. O mesmo ocorre no Twitter, sendo comum os usuários criarem personagens *fakes* de celebridades, com mensagens que simulam e fantasiam seus cotidianos, transformando o ciberespaço em um possibilitador de outras vivências, motivando as mais variadas manifestações identitárias.

A estética das máscaras do ciberespaço é comumente conhecida por avatar. O termo é utilizado para identificar o perfil de um usuário, como é o caso da rede social Twitter, cuja página de cada usuário contém o nome do proprietário, o espaço para uma pequena imagem, a localização, a descrição do usuário

em 140 caracteres e um link de conexão com algum endereço eletrônico – no caso dos *twitters* pessoais, costuma-se postar o endereço do blog; em instituições, coloca-se, com frequência, o endereço virtual com mais informações sobre o dono do perfil. Apropriado do sânscrito, o avatar refere-se originalmente à ideia hindu de uma deidade que desce à Terra em forma encarnada (Santaella, 2004a, p. 121). Da mesma forma, um usuário apropria-se dessa encarnação para transitar no ciberespaço.

É importante observar que o usuário só constrói um perfil para que ocorra uma construção imaginada por outro usuário, ou seja, conforme explicita Maffesoli, “o sujeito

não existe a não ser na relação (nas relações)” (Maffesoli, 2001, p. 30). A multiplicidade das máscaras pressupõe que há uma flexibilidade de valorações. “Atuar”, ou seja, desempenhar os mais variados papéis dentro da “teatralidade cotidiana” permite que se possa ex-ister¹, sem deixar de lado os imperativos de uma moral ou de uma racionalidade implacável (Lemos, 1999, p. 1). Com relação ao usuário, é importante ressaltar que esse sentimento de comunhão entre os usuários integra os sistemas comunicacionais tecnológicos, pois representa uma extensão da identidade do avatar, oferecendo uma relação mais concretizada com aqueles que dividem dados, conversas, fotos e vídeos na internet. André Lemos considera que “os adeptos das *webcams* e os diaristas digitais querem participar, com o que têm, do fluxo mundial de informação. Trata-se, é certo, de uma religiosidade social que me faz aderir ao outro” (Lemos, 2002, on-line), comungando experiências.

Tendo em vista essa aderência ao outro, um fenômeno que vale observar é

¹ Maffesoli opta por grafar a palavra francesa *exister* como *ex-ister* para lembrar sua etologia: um “sair de si”, permanência, mudança contínua.

No Twitter, os tweets, direct messengers e replies, configuram uma troca que perpetua a coesão social entre os usuários

a audiência bastante específica. Pierre Lévy salienta que o ciberespaço cresceu graças ao movimento internacional de jovens “ávidos para experimentar formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem” (Lévy, 1999: 11). Para Maffesoli, as manifestações presenteístas expressam-se de forma clara na juventude. Para ele, “a energia juvenil deixou de ter como objeto a reivindicação, o projeto da história. Ela se manifesta e se esgota no instante”².

Outra consideração a ser feita diz respeito ao capital social dos internautas. Nesse ponto, é importante salientar que as pesquisas relacionam o acesso à informação e o estabelecimento de interações entre os usuários como os principais fatores relacionados à apropriação do Twitter (Java et al., 2007). O capital social são os valores e os repertórios que participam desse processo, fazendo com que os usuários atinjam determinados interesses como, por exemplo, conseguir alastrar uma informação pelos *retweets* ou somar o maior número de *followers* para que consiga uma maior propagação da mensagem. Entre os valores identificados, Raquel Recuero classifica-os de acordo com os fatores de agregação, conversacional e informacional. Entre os conversacionais, aparecem suporte social, laços sociais, reputação e visibilidade. Para os *twitters* informacionais, Recuero considera o acesso à informação, reputação, visibilidade, popularidade e conhecimento (2009c: on-line).

Quem está seguindo você?

A construção dos diálogos entre twitteiros que informam o que estão fazendo ocorre em nós de uma rede sem centralidade. A multiplicidade de situações possíveis pode ser interpretada através da alegoria de Dionísio em Maffesoli:

À imagem de Dionísio, deus de múltiplas faces, o orgiasmo social é essencialmente plural, e a análise que dele pode ser feita remete a uma diversidade de quadros que, cada um à sua maneira mas sob ângulos distintos, retomam algumas das grandes características desta forma. (Maffesoli, 1985, pp. 15-16)

Maffesoli identifica dois fatores que compõem uma sociedade orgiástica: considera o fato de que o indivíduo e o social tendem a se dissolver no confusional e a anomia que permite a uma comunidade estruturar-se ou regenerar-se. Tanto a confusão quanto a estruturação levam à vitalidade do espaço por conta da socialidade que cimenta as relações, capaz de se formularem e se reformularem conforme a *prioridade* social. No Twitter, as características da *Web 2.0* produziram uma estrutura capaz de oferecer aos usuários a possibilidade de germinar e destruir, o que, segundo Alex Primo, foi determinante para que houvesse uma apropriação massiva da ferramenta (Primo, 2009, on-line).

O aspecto presenteísta e a pluralidade de valores, problematizada pela ale-

² Ver reportagem Michel Maffesoli lança na Bienal do livro em que analisa o dualismo, da Folha Online.

goria de Dionísio, garante, segundo Maffesoli, a celebração do cotidiano por conta da incompletude dos indivíduos que constituem a sociedade. Para ele, a incompletude só é suprida pela troca, um conceito chave para a compreensão de como a paixão e o desejo agem no presente de modo a instigá-los à comunicação. (Maffesoli, 1984, p. 37). A socialidade no ciberespaço, por exemplo, só existe com a troca, com a movimentação de um perfil e sua estruturação – construção de um capital social (Recuero, 2009c, on-line), através da montagem de uma cartografia de seguidores, visibilidade para incrementar seguidos – e é diretamente relacionada à quantidade e qualidade das trocas de mensagens na plataforma.

No Twitter, os *tweets*, *direct messengers* e *replies*, configuram uma troca que perpetua a coesão social entre os usuários. É preciso esclarecer que a comunidade de usuários da rede social deriva de sua audiência específica e as trocas entre usuários são relativas às especificidades do público que utiliza a ferramenta. Segundo Recuero, a apropriação no Twitter é dada majoritariamente por pessoas que já estão on-line (Recuero, 2009b), que dominam as propriedades da rede social e que trabalham com *webnarrativas*, como é o caso dos blogueiros. A importância de definir o público específico vem do pressuposto de que é dele a autoria das senhas e dos sinais de reconhecimento que permitem a comunicação de base.

Neotribalismo na rede

O termo tribalismo, do modo como é empregado por Maffesoli, denota o processo de identificação entre os indivíduos “que possibilita o devotamento graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todos” (1987, p. 23). O autor parte da perspectiva de que existe uma multiplicação de “aldeias” nos dias atuais como resposta a um espírito do tempo no qual o território tornou-se um espaço para diversas manifestações de proximidade e religião nas sociedades contemporâneas, gerando a construção de formas específicas de socialidade envoltas de uma nebulosa “afetual”, a um sentimento com características fluidas e à construção de ajuntamentos dispersos e pontuais.

A estética que funda essa agregação considera todas as sensibilidades coletivas – emoção, sentimento, mitologia, ideologia etc. – criando uma aura que mobiliza sentimentos e emoções. A aura, a que se refere Maffesoli, está contida na nebulosa afetual envolta nas relações e que remetem à tendência orgiástica da sociedade contemporânea. O autor considera que o tribalismo sempre existiu e que, conforme as épocas, é valorizado como um vetor diferente. Ao abordar a formação dos grupos contemporâneos, segundo ele, a relação de socialidade não leva em conta a busca de uma finalidade social. A fragmentação plural dionisíaca vislumbra um tribalismo que nunca encontrará uma única via identitária:

Talvez fosse melhor observar que eles não têm uma visão daquilo que, em termos absolutos, deve ser uma sociedade. Cada grupo é, para si mesmo, seu próprio absoluto. Esse é o relativismo afetivo que se traduz, especialmente, pela conformidade dos estilos de vida. (ibidem, p. 125)

A prática neotribal de formação de uma rede de seguidores no Twitter apóia-se na manifestação múltipla de integração e na recusa afetiva. Embora o ato de eleger quais perfis o usuário vai ou não seguir aparentemente seja a metáfora mais próxima dessa ambivalência atração-repulsão, várias outras ações fornecem evidências de que a rede social assemelha-se fortemente à sociedade eletiva de Maffesoli: a escolha na leitura de mensagens em perfis aleatórios, os posts de mensagens direcionados a outra pessoa, o ato de retwitter algum tweet que o usuário considera interessante e deseja dividir com a própria rede etc. Mesmo dotado de uma dimensão de temporalidade diferenciada, o que, evidentemente, impulsiona a efemeridade dos encontros pontuais, o ciberespaço conta com um território recheado de circunstâncias próprias para o agrupamento. A evidência de que o espaço é determinante para a socialidade leva Maffesoli a considerar que o lugar se torna laço³. Dotado de uma estética própria que vetoriza as agregações, o território serve para a tribo marcar a proximidade e fundar as religações. O conceito de tribo em Maffesoli, permite-nos identificar que a interface do ciberespaço parece ser o termo que mais se aproxima da ideia de território no ciberespaço, pois é nesse entre-lugar que ocorrem as trocas. Pode-se dizer que, no Twitter, assim como em outras redes sociais, a interface é o território ou, ainda, um entre-lugar movediço e de passagem.

Diante da publicação do cotidiano em mensagens on-line o usuário há que se observar que a constituição de uma sociedade eletiva passa pelo crivo da lei do segredo, pela existência de “uma sutil dialética entre o mostrar e o esconder” (ibidem: 128). Maffesoli chama atenção para o fato de que as mensagens carregam senhas que passam por um processo de reconhecimento dos grupos que se comunicam. Isso quer dizer, no exemplo do Twitter, que a leitura de um tweet, por mais que se estabeleça em uma interface pública, fica direcionada pela identificação seleta nas tribos das quais o usuário faz parte.

Considerações finais

O infinito de respostas à pergunta “O que você está fazendo?”, seu aspecto presenteísta, a inconstância nomádica e a convivência tribal errante com identidades plurais no Twitter, sugerem, conforme destaca Maffesoli que na tecnópolis “o nomadismo e a internet se entendem cada vez melhor” (2001, p. 142):

As potencialidades do “cyberespaço” estão longe de se esgotar, mas já testemunham o enriquecimento cultural que está sempre ligado à mobilidade, à circulação, quer sejam as do espírito, dos devaneios e até das fantasias, que tudo não deixa de induzir. (ibidem, pp. 29-30)

Lemos lembra que essa errância e circulação no ciberespaço é similar ao flâneur de Baudelaire, onde a prática de flunar por uma cidade assemelha-se

³ Há uma correspondência entre as palavras francesas *lieu* e *lien*, que significam lugar e laço, respectivamente.

à de navegar por um hipertexto. Para ele, “o flâneur é atraído por coisas das cidades, da mesma forma que o internauta é pelos *links*” (Lemos, 2002, p. 24). Maffesoli observa que a errância dá uma nova dimensão de contato com as pessoas, nasce outra relação com o outro e com o mundo, repousando sobre a impermanência das coisas, dos seres e dos seus relacionamentos. Para o autor, citando W. Benjamin, o “passeio sem destino” dos viajantes é uma espécie de protesto contra o ritmo de vida orientado pela produção. Essa resistência leva o viajante a uma desterritorialização, em um processo sistemático de rompimento e de diluição de fronteiras, desempenhando um papel importante na constituição do imaginário e das subjetividades contemporâneas. Seja errante, detetivesco ou previdente (Santaella, 2004b: 11-12), os twitteiros se expressam, cada um ao seu modo, num ambiente cujas dinâmicas inundam não apenas o ciberespaço, mas também as sensibilidades cotidianas.

Há que se destacar, finalmente, que as CMC impõem questões novas acerca da paisagem midiática contemporânea, transformando-se em um universo extremamente fértil para a navegação teórica e para a exploração de suas infovias, não apenas no âmbito das novas formas de socialidade que dele emergem, conforme destacamos, como, igualmente, no âmbito das novas modalidades narrativas que nele se expressam, inaugurando um cenário desafiador para o exercício do jornalismo nos dias atuais. Se os conceitos de mobilidade, atualidade e circulação colocaram-se como paradigmáticos na modernidade é certo que, contemporaneamente, eles adquirem novo vigor diante de construções identitárias mais móveis, instáveis e plurais. As reflexões aqui propostas permitem, nesse sentido, problematizar os modos como o jornalismo se inscreve ao interior dessas complexas dinâmicas, na medida em que se renovam as cartografias e os modos de perceber e interpretar o social e as relações entre comunicação e tecnologia. Se a pergunta “O que você está fazendo?” parece ser a máxima de nossa época, conforme destaca Lemos (Lemos, 1999, on-line) e remetem a um infinito de respostas, ela, por outro lado, conduz a um novo campo de possibilidades para a experimentação de práticas dialógicas e conviviais no universo da comunicação.

Referências bibliográficas

BERNARDO, Aglair. Sujeitos suspeitos, imagens suspeitas: cultura midiática e câmeras de vigilância. Tese de Doutorado apresentada no Curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Florianópolis, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 1ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LEMONS, André. **Ciber-Socialidade - Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.** In: Ione Bentz; Albino Rubim; José Milton Pinto. (Org.). *Práticas Discursivas na Cultura Contemporânea.* São Leopoldo: Unisinos, 1999. Pg. 9-22.

_____. **Cultura das Redes.** 1ª edição. Salvador: Edufba, 2002.

_____. Podcast. Emissão Sonora, Futuro do Rádio e Cibercultura.

- 404nOtFound (UFBA), Salvador, Bahia, v. 1, n. 46, 2005.
- LÉVY, P. **O que é virtual?**. 1ª edição. São Paulo: 34, 1996.
- _____. **Cibercultura**. 1ª edição. São Paulo: 34, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. **A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- RIFIOTIS, Teophilos. **Apresentação**. In: SEGATA, Jean. **Lontras e a construção de laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço**. 1ª edição. Rio do Sul: Nova Era, 2008. Pg. 19-24.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2004a.
- _____. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2004b.
- SEGATA, Jean. **Lontras e a construção de laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço**. 1ª edição. Rio do Sul: Nova Era, 2008.

Webgráficas

- JAVA, A., SONG, X., FININ, T., & TSENG, B. **Why We Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities**. 9th WebKDD and 1st SNA-KDD Workshop '07. San Jose, California, USA, 2007. Disponível em <http://ebiquity.umbc.edu/get/a/publication/369.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2009, às 19h.
- LEMOS, André. **A Arte da Vida: Webcams e Diários Pessoais na Internet**. Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa: Relógio d'Água, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP8lemons.pdf. Acesado em 20 de maio de 2009, às 9h20.
- PRIMO, Alex. **Ferramentas para tirar o máximo do Twitter**. Dossiê Alex Primo, 2009. Disponível em: http://www.interney.net/blogs/alexprimo/2009/05/05/ferramentas_para_tirar_o_maximo_do_twitt/. Acesado em 20 de maio de 2009, às 10h.
- RECUERO, Raquel. **Pesquisa sobre o Twitter I**. Blog Social Media, 18 de fevereiro de 2009. On-line, 2009a. Disponível em: http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/pesquisa_sobre_o_twitter_i.html. Acesso em 10 de março de 2009, às 20h.
- RECUERO, Raquel. **Por que os blogueiros têm Twitter?**. Blog Social Media, 27 de maio de 2009. On-line, 2009b. Disponível em: http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/por_que_os_blogueiros_tem_twitter.html. Acesso em 13 de junho de 2009, às 10h.
- RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. **Em busca das “redes que importam”**: Redes Sociais e Capital Social no Twitter. GT Comunicação e Cibercultura, XVIII Encontro da Compós. Belo Horizonte, 2009c. Disponível em: <http://>

www.compos.org.br/data/trabalhos_arquivo_coirKgAeuz0ws.pdf. Acessado em 12 de maio de 2009, às 8h15.

ZAGO, Gabriela S. **Dos Blogs aos Microblogs**: aspectos históricos, formatos e características. Niterói: 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf> Acessado em 2 de maio de 2009, às 10h15

Michel Maffesoli lança na Bienal livro em que analisa o dualismo. Folha On-line, publicado em 19 de abril de 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43420.shtml>. Acesso em 3 de junho de 2009, às 10h20.